

# ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

•  
Neste número

*Práticas Artísticas na Modernidade*

*Um Encontro sobre  
Antropologia das Artes*

Vol. 11  
1993

---

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## SOBRE O “EFEITO DE COMPOSIÇÃO” DA MOBILIDADE

Filomena Silvano

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas · Universidade Nova de Lisboa

**Resumo:** A introdução às comunicações relativas ao tema da arquitectura do território propõe a actualização de duas noções – “Caleidoscópio” e “Cosmopolitismo” – utilizadas por Lévi-Strauss na abordagem de fenómenos de reconfiguração de sistemas simbólicos.

O território contemporâneo organiza-se a partir de operatórias que reconfiguram o fragmentário: organizam o espaço utilizando representações de origem diversa. A mobilidade espacial (real ou figurada) encontra-se sempre ligada a esses processos.

**Palavras-chave:** Caleidoscópio, cosmopolitismo, arquitectura do território, espaço público, espaço colectivo, espaço privado, espaço individual, espaço não socializado.

Musil disse que a condição moderna “é a solidão do homem num deserto de detalhes.” Se pensarmos que com os detalhes se recompõem novos universos, talvez a solidão do homem moderno se nos afigure menos dramática.

Em 1962 Lévi-Strauss propunha a imagem do caleidoscópio para ilustrar a lógica de composição dos mitos. Em 1983 demonstrou, num texto intitulado *Cosmopolitismo e Esquizofrenia*, que os Chinook recriaram um novo mito, através

da organização sintagmática de fragmentos oriundos das mitologias de populações com que mantinham contactos intensos. O cosmopolitismo dos Chinook permitiu-lhes pensar um Mundo sujeito a clivagens económicas, sociais e culturais. O ecletismo reconfigurou-o, conferiu-lhe estabilidade e ao mesmo tempo manteve-o aberto a novas clivagens.

São dois textos que nos podem guiar na abordagem dos fenómenos da sociedade contemporânea e, mais especificamente, na abordagem dos movimentos que configuram o espaço. Tal como os mitos se podem reorganizar para integrar os fragmentos oriundos de mitologias diversas, também o território se pode reconfigurar a partir de fragmentos de diferentes formas espaciais.

Esta proposição não ignora os estudos que demonstram que a destruição da organização espacial de uma comunidade pode conduzir a uma perda de identidade e à sua desintegração. O estudo do caso Bororo (Levi-Stauss 1974) deixou bem claro que existe uma interrelação entre organização do espaço e identidade colectiva, e que, conseqüentemente, as transformações no primeiro, quando radicais, resultam numa desarticulação da segunda. A fragilidade do espaço é um dado adquirido: a sua capacidade de integrar modificações é relativa, mas não deixa por isso de ser real. Talvez hoje mais do que nunca.

A arquitectura do território depende, na sociedade contemporânea, da mobilidade crescente (Remy 1981). Mobilidade real ou imaginária, deslocamento real ou simulacro (Virilio 1984), pouco importa, ambos os casos conduzem à difusão de formas espaciais de origem cultural diversa. A esta problemática associa-se sempre a das identidades culturais, uma concepção dinâmica do território implica uma concepção dinâmica da identidade (Pellegrino 1987).

Uma outra questão importante é, para utilizar a formulação de Michel Foucault (1984), a da “colocação dos homens”: como gerir a coexistência, como definir as fronteiras, com que critérios definir os limites? São alguns dos problemas da sociedade actual que se encontram intimamente ligados com a questão da mobilidade. Gerir a coexistência étnica nas cidades é também gerir a articulação entre espaços apropriados por grupos com origens culturais diferentes.

## ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES RECENTES DO TERRITÓRIO\*

A sociedade moderna caracteriza-se pela coexistência, sobreposição e articulação de formas espaciais e de formas sociais diversas. Na cidade podemos encontrar configurações muito próximas daquelas que a antropologia estudou nas

---

\* Este texto retoma parte da comunicação apresentada conjuntamente com João Neves, no colóquio “Viver (n)a Cidade” (1990).

sociedades rurais, associadas a configurações exógenas, resultantes da criação de pequenas comunidades originárias de outras culturas, ou de pequenas comunidades constituídas em torno de valores marginais. O nosso lugar de observação privilegiado é talvez esse, o da constituição das imagens caleidoscópicas.

Mas é necessário observar, por detrás dessas imagens, os movimentos gerais, as grandes linhas de definição da cidade. A frase de R. Sennett, "a cidade é um meio onde desconhecidos se encontram", parece-me uma boa orientação do caminho a seguir. Poderemos talvez acrescentar outra formulação: a cidade é um meio onde todos somos migrantes. Procurarei deixar aqui alguns apontamentos sobre as recentes transformações do espaço urbano.

O *espaço público* foi sujeito a uma "funcionalização" que enfraqueceu a vivência colectiva que o especificava: as praças e ruas das cidades transformaram-se em lugares de passagem percorridos por "multidões solitárias" (Riesman 1964). Na sua maioria são, hoje, espaços desvitalizados. O *espaço colectivo* tomou por isso uma nova forma: deixou de ser claramente público, para passar a ser semi-privado, e, conseqüentemente, viu a sua vitalidade aumentada.

Ao contrário dos espaços colectivos das décadas de 60/70 que se queriam públicos e reveladores de uma transparência utópica onde as esferas psicológica, afectiva e social se misturavam (Woodstock ou Vilar de Mouros), a década de 80 caracterizou-se pelo aparecimento de espaços semi-privados (galerias, restaurantes e discotecas), percorridos pela fluidez de uma vida mundana em que os indivíduos se expõem, numa consciente manipulação da imagem de si próprios (Melo 1989). Retomou-se a "máscara", utilizada como meio de esconder as verdades íntimas e de revelar as aparências organizadoras da nova sociabilidade, sendo as esferas psicológica e afectiva confinadas aos espaços individuais e a esfera social aos espaços colectivos. O espaço público passou a servir de suporte a uma mobilidade que organiza uma extensão pontuada por lugares de visibilidade reduzida, que cumprem a função de gerência dos papéis sociais atribuída, na sociedade tradicional, ao espaço público. Chamemos-lhe "privados colectivos".

Alguns destes espaços podem ser aproximados da noção de "heterotopia": "(...) espécies de utopias efectivamente realizadas, onde todos os lugares reais, todos os outros lugares reais que podemos encontrar no interior da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, sendo no entanto bem localizáveis." (Foucault 1984). Simultaneamente colectivos e privados, são organizados por regras precisas, válidas apenas no seu interior, capazes de gerir todas as relações sociais aí desenvolvidas. São lugares de expressão da *communitas* (Turner 1974), realidade social originária do sentimento colectivo de estar junto, onde toma forma uma "experiência Ética" (Maffesoli 1988) resultante da proximidade que produz

empatia e comunidade de sentimentos e valores. O facto de comportarem um grau de abertura limitado torna-os espaços criadores de sociabilidades localizadas.

Na igreja, no clube desportivo, no bar ou no instituto de beleza, lugares únicos onde se desenham e expõem as várias imagens de si próprio. As imagens produzidas são negociadas com os outros actores sociais, de forma a organizar teias de relações confinadas a espaços específicos. A sociedade actual produziu uma pulverização do espaço público, que passou a organizar-se a partir de unidades relativamente independentes, percorridas por uma vida colectiva de visibilidade reduzida. O espaço colectivo da cidade transforma-se então num articulado complexo de pequenas unidades, apropriadas por grupos específicos.

O *espaço privado* tornou-se ainda mais não-público e a vivência individual que o especifica reforçou-se. Vários factores conjunturais, dos quais destacamos o enfraquecimento dos laços familiares que resultavam de um parentesco alargado e a afirmação de novas figuras organizadoras das relações afectivas — celibatários e divorciados, casais com duas casas — estão na base de uma redução física dos espaços privados, frequentemente acompanhada de uma diminuição da densidade social que os habita (que resulta num aumento do espaço físico individual). O espaço privado é cada vez mais o espaço da figura emblemática do cosmopolitismo (Scarpetta 1988); o indivíduo colocado face a si próprio, no interior de um habitat que constitui a única possibilidade de enraizamento. Um enraizamento abstracto, que se refere mais à organização interna do habitat que à comunidade envolvente. A casa surge como uma materialização do espaço interior e, por isso, é uma realidade móvel que acompanha o indivíduo nas suas deslocações. Em Lisboa ou em Tóquio, o espaço interior pode reproduzir-se numa constante actualização da sua estrutura.

O *espaço privado* foi ainda sujeito a uma outra dinâmica, que teve origem naquilo a que genericamente podemos chamar “ideologia moderna da transparência”. Nas décadas de 60 e 70 assistiu-se a uma exteriorização das esferas psicológica e afectiva. Estas duas dimensões, até então confinadas à privacidade, invadiram o espaço público e “desorganizaram” uma sociabilidade que se exprimia através de códigos de significação impessoal. A sobre-exposição da vida privada resultou num enfraquecimento do limite entre os lugares de expressão da singularidade afectiva e os lugares de expressão das relações sociais codificadas (Sennett, 1979). A produção cinematográfica de Woody Allen é bastante esclarecedora deste movimento, que regrediu com o reforço da privacidade operado nos anos 80.

O *espaço individual* é talvez aquele que mais claramente especifica a sociedade contemporânea. Liberto da privacidade familiar da sociedade tradicional, o homem moderno passou a ter um espaço individual (material e não só imaginário) onde desenvolveu um novo tipo de vida privada. Sozinho no seu habitat, vive uma desterritorialização universalista, “onde se ligam o universal e

a irrupção do singular" (Scarpetta 1988). O enraizamento possível passou a ser aquele que o coloca face a si próprio, numa nova relação que se estabelece através dos vários sistemas de produção de sentido, sendo a organização do espaço individual um deles. Trata-se de uma configuração recente, que obriga a uma nova articulação das dimensões social, psicológica e afectiva, e que por isso nem sempre se realiza. A individuação do espaço privado é frequentemente correlativa de fenómenos de ruptura, que surgem quando os indivíduos se vêm confrontados com novos dispositivos sociais e são incapazes de os articular.

O *espaço não socializado* tomou diversas formas: a das ruas e praças transformadas em lugares de passagem, ou a dos terrenos abandonados à espera dos lucros da especulação imobiliária. A forma do espaço rede ( Remy 1981), organizado pela mobilidade, comporta a desvitalização dos lugares de percurso e, este processo, quando levado às suas últimas consequências, traduz-se na formação de novos espaços não-socializados. Nos lugares assim abandonados desenvolvem-se novas teias de relações sociais, marginais e sujeitas a normas que escapam ao controle comunitário. Do roubo mais ou menos organizado, passando pela venda de droga, a prostituição ou a mendicidade, uma variedade imensa de actividades que estão para lá do "entendimento" colectivo. Uma espécie de demonstração moderna da necessidade ancestral de pensar o mundo para lá da normalidade visível. Filmes como *Blade Runner*, *Chuva Negra* ou *O Tempo dos Ciganos*, são exemplo dessas reservas de imaginário.

Quando pensei na organização deste painel pretendi colocar a reflexão no interior desta problemática. Procurei por isso convidar antropólogos cujos trabalhos pudessem constituir portas de entrada para uma discussão que, tendo a arquitectura do território como pano de fundo, se debruçasse sobre os processos de reconfiguração que caracterizam a modernidade. Sumariei, em função do conhecimento que tinha dos trabalhos em curso, algumas possibilidades: estudos sobre a apropriação, concepção e construção do espaço por indivíduos ou comunidades migrantes, estudos relativos a processos de auto-construção, nomeadamente de clandestinos, estudos sobre os processos que colocam ocidentais face a espaços exóticos, particularmente o turismo.

## Bibliografia

Baudrillard, J. 1981. *Le Système des Objects*. Paris, Gallimard.

Bourdieu, P. 1974. *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*. Paris, Doz.

Calabrese, O. 1988. *A Idade Neobarroca*. Lisboa, Edições 70.

- Chombart de Lauwe, P.H. 1982. *La Fin des Villes*. Paris, Calmann-Lévy.
- Foucault, M. 1984. Des espaces autres. *Archi Bref*, 48. Ecole d'Architecture de Genève.
- Levi-Strauss, C. 1974. *Anthropologie Structurale*. Paris, Plon.
- Levi- Strauss, C. 1976. *La Pensée Sauvage*. Paris, Plon.
- Levi- Strauss, C. 1983. *Le Regard Éloigné*. Paris, Plon.
- Lipovetsky, G. 1987. *L'Empire de l'Éphémère*. Paris, Gallimard.
- Maffesoli, M. 1988. *Le Temps des Tribus*. Paris, Meridiens Klincksieck.
- Maffesoli, M. 1990. *Au Creux des Apparences*. Paris, Plon.
- Melo, A. 1989. *High Art Society*. Porto, Galeria Atlântica.
- Pellegrino, P. et al. 1983. *Identité Régional et Représentation Collectives de l'Espace*. Berna, CRAAL-FNRS.
- Pellegrino, P. et al. 1987. *Les Espaces de Reference de l'Imaginaire Architectural*. Genève.
- Petillon, P.Y. 199. O! Chicago: images de la ville en chantier. *Citoyenneté et Urbanité*. Paris, Esprit.
- Remy, J., Voye, L. 1981. *La ville ordre et Violence*. Paris, PUF.
- Riesman, D. 1964. *La Foule Solitaire*. Paris, Arthaud.
- Sennett, R. 1979. *Les Tyrannies de l'intimité*. Paris, Seuil.
- Scarpetta, G. 1988. *Elogio do Cosmopolitismo*. Lisboa, João Azevedo Editor.
- Silvano, F. 1988. Os discursos da emigração. *Jornal de Letras*, 15.8.88. Lisboa.
- Silvano, F. 1990. L'émigration en tant que processus de déplacement et de récomposition de l'habitat. *Portugal. Enjeux sociaux et transformation du territoire, Revista Sociedade e Território*. Porto, Afrontamento.
- Silvano, F. 1990. *Mobilités: Projets de Vie et Projets d'Espace; les Réseaux du Migrant et l'Identité Locale, ses Marquages et ses Démarcages*. Genève.
- Silvano, F. e Neves, J. 1990. Enraizamento e cosmopolitismo: contributo para uma análise da recomposição urbana. *Colóquio Viver (n) a Cidade, LNEC-ISCTE Lisboa*.
- Tourraine, A. 1991. Face à l'exclusion. *Citoyenneté et Urbanité*. Paris, Esprit.
- Turner, V.W. 1974. *O Processo Ritual*. Petrópolis, Vozes.
- Virilio, P. 1984. *L'Espace Critique*. Paris, Christian Bourgois.